

Junho 2005



ILUSTRAÇÃO: LIQUILIBRARY

Os vencedores do Bitec

página 3

O lançamento da
Plataforma Brasil-Europa

página 11

A grande tacada

O empreendedorismo
é a nova opção para o
desenvolvimento do Brasil

página 6



É preciso empreender

O estímulo ao empreendedorismo é importante para a geração de riqueza e para o desenvolvimento sustentável do Brasil

O Brasil é um dos países mais empreendedores do mundo. Mas a qualidade do empreendedorismo praticado aqui pode e precisa ser aperfeiçoada. Nesse contexto, a educação é vista como peça fundamental para melhorar esse quadro. Do ensino básico ao universitário, professores devem desenvolver metodologias que estimulem a criatividade e a proatividade dos estudantes.

O sistema IEL vem realizando ações importantes para o estímulo a práticas empreendedoras. Uma delas é a Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo (Reune), realizada, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), desde 1998. Por meio desse programa, mais de mil professores universitários de 213 instituições de ensino superior foram capacitados para ministrar disciplinas de empreendedorismo. Estima-se que mais de 100 mil estudantes de todo o País já participaram de aulas sobre o tema nas universidades.



Os cursos de Capacitação Empresarial oferecidos pelo IEL também são imprescindíveis para atacar as principais causas de mortalidade de empresas: a falta de conhecimentos relativos à gestão de negócios e de informações estratégicas para a tomada de decisão. Além disso, o Sesi e o Senai também desenvolvem diversas ações para estimular o empreendedorismo em suas unidades em todo o País.

Todas essas iniciativas vão ao encontro do Mapa Estratégico da

Indústria, que tem na promoção da cultura empreendedora uma das bases mais importantes para o desenvolvimento. A Indústria Brasileira defende que essa cultura deve ser promovida por meio da educação, com o desenvolvimento de metodologias e práticas que facilitem o sucesso das empresas.

Ainda há muito a avançar. Para o Brasil ser mais competitivo é preciso que sejam criadas políticas que estimulem a criação e a sustentação de novos negócios, além de mais investimentos em educação, pesquisa e inovação. Nessa nova era, o empreendedorismo precisa ser encarado como estratégia para a geração de riqueza e para a inserção do País na rota do desenvolvimento sustentável.

Carlos Cavalcante
Superintendente do IEL

Alunos de ouro

Estudantes bolsistas levam soluções inovadoras para as empresas e são considerados bons investimentos

Poucos estudantes conseguem o feito da capixaba Liliane Vieira Sartório. Recém-formada no curso Design de Moda, da Fundação de Assistência e Educação (Faesa), no Espírito Santo, a aluna saiu da universidade já empregada. Ela conseguiu realizar o sonho graças ao projeto de Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec), realizado pelo IEL em parceria com o Sebrae, CNPq e SENAI. Ela levou os conhecimentos adquiridos na faculdade à empresa Sipola para desenvolver a coleção outono/inverno 2005, adequando as tendências da moda mundial ao perfil de seus clientes. O resultado chamou a atenção da proprietária da empresa, Leide Passigato, que chamou Liliane para sua equipe.

“Ela mostrou muita garra, conhecimento e trouxe a experiência de estruturar uma coleção. Fiquei muito feliz com o trabalho dela e a contratei como estilista”, disse Leide.

PRÊMIO

O projeto de Liliane é um dos exemplos de sucesso do programa Bitec. Ela foi uma das premiadas deste ano pelo IEL do Espírito Santo. Até o final do mês, todos os outros Estados devem conhecer seus vencedores. A premiação tem o objetivo de incentivar o trabalho de alunos e professores, que durante seis meses de 2004 se dedicaram a estreitar o elo entre a indústria e a universidade com projetos de suporte à inovação de produtos e processos de gestão de

micro e pequenas empresas. Como prêmio, os orientadores ganharão R\$ 2 mil e os textos com os resultados do trabalho serão publicados em uma coletânea, no segundo semestre.

Entre os premiados das cinco regiões do País, há projetos das mais diversas áreas. Neles, as empresas têm contato com a tecnologia produzida pelas universidades e os estudantes, a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos. “O projeto traz benefício para ambas as partes. As empresas têm à disposição a força de vontade do aluno e a mais avançada tecnologia. Já para o estudante, abre-se uma nova perspectiva, além da grade curricular”, disse Oto Morato, gerente da área de Capacitação Empresarial e de Estágio e Bolsas Educacionais do IEL.



Liliane e Leide: parceria proporcionada pelo Bitec trouxe resultados para a empresa

Os projetos vencedores também tiveram em comum a preocupação de trazer inovação tecnológica em diversos segmentos. Como aconteceu no Rio Grande do Norte. O projeto do estudante de Física Márcio Valério e do professor Carlos Chesman, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ganhou a 1ª colocação ao desenvolver um minirrefrigerador termoelétrico para a empresa Fractal Indústria, Comércio e Serviço. Em 2º lugar, ficou o estudo sobre a qualidade de frutos de mamão no Estado, realizado para a empresa WG Fruticultura, pelo aluno José Lima e sob orientação da professora Alessandra Monteiro, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró.

O 3º lugar também mereceu uma atenção especial, porque veio atender a uma necessidade local – a

região de Natal é forte na produção de água mineral. Sabendo disso, a estudante Lissandra Queiroz, com a orientação da professora Maria de Fátima Moura, da UFRN, realizou um projeto sobre monitoramento microbiológico de águas minerais em três empresas da região, que mostraram preocupação com o controle de qualidade. As duas prestaram consultoria para equipar laboratórios nas empresas e orientaram os empresários com a nova prática.

Para Lissandra, a experiência foi tão boa que ela vai tentar renovar a bolsa com o IEL numa tentativa de dar prosseguimento ao trabalho. “Foi muito importante para minha formação profissional e foi até um acréscimo pessoal”, disse. Para Roberto Serkis, proprietário da Água Mineral Santa Maria, uma das empresas atendidas, o projeto



FOTO: MIGUEL ÂNGELO

Romeiro: prioridade em 2005 é a inovação tecnológica

melhorou o seu processo de produção. “Investi quase R\$ 80 mil no laboratório que montamos e vi o quanto é importante ter o processo de controle de qualidade feito dentro da própria empresa”, disse.

PROBLEMAS RESOLVIDOS

Para uma pequena empresa, ter problemas rotineiros resolvidos num clique do *mouse* pode contribuir e muito para o seu crescimento. A boa saída é a criação de *softwares* personalizados que ajudam a organizar o sistema de trabalho. Foi pensando assim que o aluno de Ciência da Computação Orlewilson Bentes Maia, do Centro de Ensino Superior da Fundação de Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi), no Amazonas, montou um *software* específico para atender à floricultura Chácara Flora. Premiado pelo IEL, o projeto criou uma ferramenta capaz de cadastrar clientes, produtos, fornecedores, controlar o estoque, a contabilidade e ainda possibilitar a confecção de relatórios de vendas.



Maia, ao centro, com o proprietário da Chácara Flora, Raul Cacheado, e a orientadora Marcela Sávia Pessoa: a prática de tudo que aprendeu na faculdade

O proprietário da Chá-cara Flora, Raul Cacheado, ficou bastante satisfeito com a iniciativa. “Nosso conhecimento de informática é nulo. Sempre fui conservador, mas não há como fugir do moderno para agilizar o trabalho. Com o projeto tive que renovar todo o meu sistema de trabalho e uma nova etapa abriu-se para nós”, disse ele. Orlewilson também aproveitou a oportunidade para colocar em prática a teoria que aprendeu na sala de aula. “Eu só tinha teoria e, com esse projeto, coloquei em prática todo o ensinamento”, disse o aluno.

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Desde 1996, o programa Bitec já atendeu cerca de 3 mil estudantes e promove todo ano a distribuição de 500 bolsas entre instituições de ensino superior de todas as regiões do País. Os 500 alunos aprovados deste ano já iniciaram seus trabalhos. Durante os seis meses, eles receberão uma bolsa mensal de R\$ 300. Segundo o gestor nacional do programa, Ricardo Romeiro, a preocupação deste ano é priorizar a área de inovação tecnológica. Muitos dos projetos aprovados apontam para essa tendência, principalmente nos setores de biotecnologia, preservação ambiental e agronegócios, uma das áreas mais procuradas pelos universitários.

VENCEDORES BITEC

Acre – Kemis Ageron; orientador: Claudionor do Nascimento, da Universidade Federal do Acre; projeto: *site*; empresa: Mecânica Scalla.

Alagoas – José Delival de Almeida Junior; instituição: Universidade Federal de Alagoas; projeto: aprimoramento da criação e beneficiamento do pescado produzido na região do alto Xingó; entidade: Associação de Trabalhadores Rurais da Fazenda Nova Esperança.

Bahia – Aymoré Siqueira Argolo; orientadora: Josemeire Dias; instituição: Universidade Salvador (Unifacs); projeto: *site*; empresa: Ultradigital Tecnologia de Informação.

Ceará – Levy Rebelo Ferreira de Carvalho; orientador: João José Heluy; curso: Engenharia Química da Universidade Federal do Ceará; projeto: desenvolvimento de insumo farmacêutico a partir da rotina; empresa: Produtos Naturais do Cariri (Procariri).

Goiás – Irondes Alves de Souza; orientador: Sérgio Botelho de Oliveira; curso: Tecnologia em Química Agroindustrial do Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado de Goiás; projeto: equipamento para tratamento de água de piscina por meio de ionização; empresa incubada Rockfield Indústria e Comércio de Produtos Eletro-Eletrônicos.

Mato Grosso – Vanilde Alves de Carvalho; orientadora: Juliana Andréia Jorge; curso: Turismo das Faculdades Integradas Cândido Rondon; projeto: criação de novos atrativos turísticos para o município de Chapada dos Guimarães; empresa: Anaconda Agência de Turismo e Viagem.

Mato Grosso do Sul – Leonardo Vinícius Loureiro; orientador: Leandro Sauer; projeto: sistema de informação da qualidade e quantidade do leite; empresa: Imbaúba Laticínios.

Minas Gerais – Vinícius Curcino Vieira; orientador: Divionar Severino; instituição: Universidade Federal de Uberlândia; projeto: técnica que usa óleo vegetal para controle de manchas de petróleo e derivados.

Paraíba – Ana Flávia Câmara; orientador: Itamar Ferreira; curso: Desenho Industrial da Universidade Federal de Campina Grande; projeto: *design* aplicado na utilização racional da taipa na construção civil; empresa: ABB Construções.

Paraná – Daniel Cavazzana Canassa; orientadora: Patrícia Machado; instituição: Universidade de Maringá; projeto: planejamento e controle da produção; empresa: KFM Confeccões.

Pernambuco – Douglas Tavares; orientador: Francisco José Costa Araújo; curso: Engenharia Elétrica da Universidade de Pernambuco; projeto: padronização do processo de produção; empresa: Endoview do Brasil.

Rio Grande do Sul – Christiano Daniel Guerra; orientador: Argimiro Resende; curso: Engenharia Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; projeto: programa de computador para analisar a fluidez de um tipo de plástico; empresa: TriSolutions Soluções em Engenharia.

Rondônia – Adilson Lucas Andrade; orientador: Ysamu Paulo Nakahati; projeto: fluxo de caixa como ferramenta de gestão financeira; empresa: MB Móveis.

Roraima – Dunia Monir Imad; orientador: Mauro Schmitz; instituição: Universidade Federal de Roraima; projeto: plano de ação segurança no trabalho: perda auditiva induzida pelo ruído; empresa: Madeireira JCM Ferreira Oestreicher.

Santa Catarina – Patrícia Feronha Wielewicki; orientadora: Silvana Bernardes da Rosa; curso: *Design* da Universidade do Estado de Santa Catarina; projeto: linha de produtos de iluminação; empresa: Biancamano.

Tocantins – Ana Carolina da Silva Pereira; orientadora: Cilene Mendes Regis; curso: Engenharia de Alimentos da Universidade Federal do Tocantins; projeto: aplicação de tecnologia para processamento de granola e obtenção do padrão de identidade e qualidade; empresa: Quavi.

Um país de empreendedores

Pesquisa mostra que o Brasil é o segundo maior mercado de negócio próprio do mundo

O Brasil é conhecido por ser um país com expressivo número de empreendedores. O altruísmo do brasileiro, aliado às conjunturas econômicas e sociais, favorece o ambiente para a criação e proliferação de empreendimentos, disseminados por todas as regiões. A cada ano, se contabilizam novos empresários, de diferentes perfis, com características peculiares ao Brasil, apresentando negócios próprios.

O retrato de todo o esforço empreendedorista brasileiro é feito

anualmente pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) Brasil com apoio do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), particularmente a unidade do Paraná. O mapeamento nacional do setor, na prática, é um dos alicerces do relatório GEM International, documento que consolida os dados do setor de 33 países.

QUALIDADE

“O mapeamento do empreendedorismo é realizado pelo GEM International. Nós adaptamos a metodologia à realidade nacional

e oferecemos os dados do Brasil”, afirma o superintendente do IEL-PR, Marcos Mueller Schlemm, também diretor-geral do GEM Brasil.

Em números absolutos, o Brasil se situa como o segundo maior país empreendedor entre todas as nações pesquisadas, totalizando, em 2004, 15 milhões de empreendedores, perdendo apenas para os Estados Unidos. “Mas a qualidade do nosso empreendedorismo é baixa”, observa Schlemm.

Um dos problemas apontados por Schlemm é a falta de condições

estruturais, como meios de transporte e de comunicações, sistema tributário e programas de governo de apoio à educação. “Para os negócios darem certo precisamos de condições mais favoráveis e investimentos em educação”, afirma o diretor-geral do GEM Brasil. Além disso, há outros fatores limitantes, como apoio financeiro e treinamento de pessoas.

FOTO: SESI - RIO GRANDE DO SUL



Alunos do programa SESI Empreende, do Regional gaúcho

A precariedade das condições estruturantes tem impacto direto no perfil das empresas brasileiras, fazendo, por exemplo, com que 70% dos empreendimentos não cheguem ao quinto ano de atividade, segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). O relatório do GEM sinaliza, por exemplo, que 85% dos nossos empreendimentos oferecem produtos já conhecidos, o que também justifica a alta taxa de mortalidade das empresas e a pequena chance de o negócio dar certo. Apenas 2% dos novos empresários brasileiros comercializam produtos ou serviços originais.

TECNOLOGIA

Além disso, 65% dos empreendedores atuam em segmentos de grande concorrência, o que demanda no mercado uma alta necessidade de inovação. Somente 5% de todos os negócios abertos no Brasil entram em nichos sem concorrências. O documento também indica uma tímida participação da inovação tecnológica em novos empreendimentos, representando apenas 250 mil projetos no ano passado, em um universo de 15 milhões de novos negócios, fato que pode ser observado quando se tabula que 97% dos novos empresários utilizam uma tecnologia já comum, deixando apenas para 3% dos negócios a utilização de uma nova tecnologia ou processo recente com tempo inferior a um ano.

A alta mortalidade das empresas também se reflete na criação de empregos no Brasil. Apenas 6% das novas empresas têm perspectiva de gerar 11 empregos em cinco anos de existência, contrapondo a 61% dos que vão gerar no máximo dois empregos no mesmo período.

Empreendedorismo por necessidade

Por necessidade, em 1993, Carlos Alberto Peruzzo e sua esposa resolveram abrir seu próprio negócio em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Começaram a atuar na área de alimentos naturais, com muitas dificuldades, principalmente devido aos sistemas tributário e burocrático e à dificuldade de acesso ao capital de giro. Apesar dos problemas, a empresa sobreviveu e agora, 12 anos depois, está consolidada nesse segmento. Produtos como aveia, gérmen de trigo, sal marinho, açúcar mascavo, entre outros artigos naturais, são fornecidos a médios e grandes supermercados, lojas especializadas e farmácias.

A Natubom Produtos Naturais conta hoje com uma fábrica própria de granola, nove funcionários e quatro vendedores autônomos. O faturamento da empresa passou de R\$ 5 mil para R\$ 90 mil por mês. “A fase difícil já passou, temos um faturamento bom, mas a margem de lucro é pequena, pois o investimento é feito dela. Se tivéssemos acesso ao capital de giro com mais facilidade e uma carga tributária menos onerosa, nossa empresa poderia ser mais bem-sucedida. Ser empreendedor no Brasil é ser herói”, afirma Peruzzo.

Depois de ser demitido, o engenheiro Eduardo Verta Bretas abriu sua empresa em 1997, após 25 anos trabalhando em uma única empresa. Com orçamento apertado, mas com uma idéia na cabeça, criou e patenteou o *Coco Express*, uma máquina que gela automaticamente a água do coco. O produto foi licenciado em franquias e está presente em mais de 17 países.

Atualmente, a Vertbela Indústria e Comércio de Equipamentos, de Pinhais (PR), é mais um caso de sucesso e trabalha em uma máquina automática de mistura para chás. “É preciso preparar as pessoas para um novo empreendimento.

As leis trabalhistas e o sistema tributário do Brasil criam obstáculos, mas, se estivermos preparados, conseguiremos ultrapassar”, afirma Bretas.

O mapeamento do empreendedorismo brasileiro aponta também para um equilíbrio dos novos negócios feitos por oportunidade em relação aos realizados por necessidade. Dos 15 milhões de empreendimentos abertos no ano passado, 7,8 milhões surgiram por oportunidade de negócio demandada pelo mercado. Como alternativa ao desemprego foram abertos 6,9 milhões de empreendimentos de necessidade, muitos com casos de sucesso.

“Isso demonstra no Brasil um certo equilíbrio entre oportunidade

e necessidade. Mas, se compararmos à Alemanha, por exemplo, lá o empreendedorismo por necessidade é mínimo, pois na Europa há uma malha social que faz com que o cidadão desempregado não se sinta compelido a fazer algo por necessidade”, pondera Schlemm.

A posição do Brasil no *ranking* mundial é de 8º lugar quando se fala de empreendedorismo de necessidade, despencando para a 18ª posição quando a abertura do negócio é para atender a uma demanda interna de mercado. “Ano após ano, o empreendedorismo do Brasil ocor-



FOTO: SESI - RIO GRANDE DO SUL

Estudantes do SESI-RS: empreendedorismo em 100 horas de aula

re tanto pelo fato de as pessoas se motivarem a aproveitar uma boa oportunidade de negócio como pela necessidade de sobrevivência do cidadão”, identifica o relatório. “É por isso que o IEL tem trabalhado na cultura empreendedora no Brasil”, afirma o diretor-geral do GEM Brasil.

AÇÕES DE ESTÍMULO

A trajetória do IEL, por sua vez, segue rumo a atenuar as distorções do empreendedorismo no Brasil. O incentivo à criação de incubadoras de empresas, aproximando a universidade da indústria, é um desses avanços. Nos últimos anos, vários programas de incentivo à implementação, capacitação e operacionalização das incubadoras têm sido implantados pelo IEL.

Levantamento recente realizado pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) reflete o bom desempenho de projetos. Em 2004, houve um crescimento de 36,7% das incubadoras em relação ao ano anterior. Também se

constatam casos de sucesso, como os das empresas Nano Endoluminal e Bematech (ver boxes).

O documento anual do GEM, edição de 2004, também mostra o perfil dos investidores informais no Brasil. Ao contrário do que se observa em países da Europa, a participação de investidores informais no Brasil é pequena. Isso significa que, para abrir um novo negócio, o brasileiro pode contar menos com os recursos de familiares próximos, parentes, amigos e vizinhos, do que em outros países.

Enquanto a média mundial dos investidores informais é de 3,6% de participação nos negócios, no Brasil essa taxa cai para 0,6%. Isso significa que a média mundial do montante investido anualmente por parte de cada investidor informal é de US\$ 10 mil. No Brasil, esse valor é aproximadamente de US\$ 600. Apesar da timidez do investidor informal no Brasil, 90% dos novos empreendedores recorrem aos parentes na hora de abrir um negócio, uma vez que o alto custo do dinheiro (juros) dificulta a prospecção de financiamentos.

O documento aponta também a relação entre a Taxa de Atividade Empreendedora Total (TEA) e a renda *per capita* de um país. Verifica-se, por exemplo, que países de alta renda *per capita* podem ter uma alta TEA. Mas a recíproca não é verdadeira, uma vez que o Brasil tem um nível alto de empreendedorismo e baixa renda *per capita*. A premissa também não é sempre verdadeira. Países como o Japão têm uma TEA baixa, apesar de uma alta renda *per capita*, por causa da estrutura empresarial japonesa concentrada em grandes conglomerados empresariais. “Por isso podemos dizer que, apesar da baixa renda, o brasileiro tem um forte espírito empreendedor”, complementa o superintendente do IEL Paraná.

Um apontamento importante do documento está relacionado à escolaridade. O empreendedor brasileiro tem baixa qualificação acadêmica, indicando que apenas 40% deles têm formação superior. Ademais, a escolaridade está diretamente relacionada ao empreendedorismo de oportunidade. No Brasil, aproximadamente 30% dos empreendedores identificados não passaram sequer cinco anos pelos bancos escolares, estando longe, portanto, de completar o ensino fundamental. Essa situação denota a fragilidade do sistema educacional brasileiro e, por consequência, as altas taxas do empreendedorismo por necessidade. Quanto mais alto for o nível educacional, maior será o empreendedorismo por oportunidade.

O IEL também é um agente ativo na capacitação de empresários, auxiliando, por meio de cursos em parcerias com as universidades,

no aperfeiçoamento da formação escolar do empresário. Um exemplo disso é o Programa de Capacitação para Micro e Pequenas Empresas, realizado em parceria com o Sebrae.

ESPÍRITO SANTO

Um projeto desenvolvido pela Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes) vem estimulando práticas empreendedoras, de crianças a profissionais próximos à aposentadoria. O programa *Espírito Santo Empreendedor* realiza um trabalho que traz em seu escopo 10 projetos e 37 subprojetos para a formação de novos talentos. “Só existem empresas com empreendedores, pessoas fora do normal, com características de comportamento que permitem que se empreguem a si mesmos e gerem novos empregos. Essas características podem ser natas, aperfeiçoadas ou adquiridas. O *Espírito Santo Empreendedor* tem por objetivo desenvolver da melhor maneira possível o potencial de cada um”, afirma Lucas Izoton, presidente da Findes.

A Findes tem como meta, por meio do incentivo ao empreendedorismo, elevar, até 2025, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado de 0,767 para 0,90, o mesmo de países como Grécia, Cingapura e Portugal. Isso porque o nível de empreendedorismo de um país está diretamente relacionado à qualidade de vida de sua população, medida pelo IDH, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para mapear a saúde, educação e renda *per capita* de um local. “Se fôssemos um país, passaríamos da 78ª posição do IDH para 25º lugar. É certo que os países com alto nível

Empreendedorismo por oportunidade

Em 1989, o engenheiro eletrônico Wolney Betiol e um colega de mestrado fundaram a Bematech com o desenvolvimento da primeira impressora para telex. O projeto, resultado de duas dissertações de mestrado, foi levado a uma

Faturamento da Bematech

1992:	US\$	250 mil
1993:	US\$	2,5 milhões
1996:	US\$	7,5 milhões
2004:	US\$	35 milhões

incubadora tecnológica de Curitiba. Com a abertura do mercado e o fim do telex, os dois engenheiros enxergaram, em 1990, uma oportunidade de negócio com a criação de miniimpressoras para o comércio e serviços.

A partir daí, o negócio foi se expandindo para caixas eletrônicos de bancos, seguindo a tendência de auto-atendimento eletrônico. “No Brasil, vemos poucos projetos com demanda claramente identificada no mercado. É preciso estudar antes o mercado para saber a real necessidade e não fazer produtos que já são oferecidos em abundância”, afirma Betiol.

Em 2003, a empresa se especializou em soluções de automação comercial, desde caixa registradora até leitura de código de barras e cheques.

Atualmente com 255 funcionários, um parque fabril próprio (foto abaixo), nove filiais no Brasil e duas subsidiárias no exterior, a Bematech faturou no ano passado US\$ 35 milhões e possui um crescimento sustentável de 20 a 25% ao ano.

FOTO: DIVULGAÇÃO



de qualidade de vida têm um grande número de empresas por habitantes”, ilustra o presidente da Findes.

O *Espírito Santo Empreendedor* tem sido aplicado no Estado com o apoio e acompanhamento de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Depois de avaliado e aperfeiçoado, a idéia é expandi-lo, para todo o Brasil, como um programa piloto e de laboratório.

RIO GRANDE DO SUL

Outra iniciativa de empreendedorismo no Brasil é desenvolvida no Rio Grande do Sul, por meio do programa *SESI Empreende*. A partir de módulos com carga total de 100 horas/aula, jovens e adultos do Estado têm a oportunidade de aprender sobre o empreendedorismo e identificar seus potenciais profissionais. “Começamos a construir o trabalho a partir de uma necessidade identificada de desenvolver iniciativas empreendedoras no Estado, uma vez que percebemos que muitos adultos não tinham a questão do empreendedorismo de forma marcante e arrojada”, afirma a coordenadora técnica geral do *SESI Empreende*, Andréa Novo Duarte.

Dessa forma, o programa é voltado para jovens e adolescentes, de idade entre 13 e 20 anos, e muitas vezes implementado por meio dos conselhos municipais da criança e do adolescente. Idealizado desde 2002, o *SESI Empreende* possui seis módulos de 16 horas, que podem ser adquiridos por qualquer empresa, governo, escola ou comunidade interessados em transmitir conhecimentos sobre a arte de empreender. No ano passado, 80 jovens foram incluídos no programa.

Empreendedorismo na incubadora



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Em 1995, estudantes de base tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em processo de mestrado, resolveram fazer parte do Centro de Laboração de Tecnologias Avançadas (Celta), a incubadora tecnológica de Florianópolis. Em 1996, desenvolveram dispositivos e equipamentos de mecânica de precisão para fins médico-hospitalar e odontológico.

Buscando um foco mais específico para seus produtos, os sócios da empresa procuraram pessoas com conhecimento em gestão empresarial e parcerias com médicos.

Especializaram-se no desenvolvimento de uma prótese de reparo de aneurisma na aorta (foto à direita, prótese reta torácica).

“Quando se tem um foco, ocorre um salto qualitativo. A multidisciplinaridade também ajudou muito no processo”, afirma Ricardo Péres, um dos sócios.

Em 1996, a equipe fabricou a primeira prótese da América Latina específica para aneurisma da aorta abdominal. A Nano Endoluminal (foto no alto da página) é atualmente uma das 12 empresas no mundo que fabricam esse tipo de prótese, com faturamento anual de R\$ 4 milhões.



Oportunidade para negócios

O Ano do Brasil na França, além de mostrar a nossa cultura, está possibilitando a geração de comércio internacional

Durante todo este ano, o Brasil será comemorado de ponta a ponta pela França em exposições, *shows*, festivais, feiras e seminários. Da mostra sobre as comunidades indígenas brasileiras *Brésil indien*, no Grand Palais, em Paris, a rodas de literatura sobre Machado de Assis, em Vichy, haverá de tudo um pouco. Este é o Ano do Brasil na França. E por que não aproveitar a oportunidade para fazer negócios?

Foi justamente com essa intenção que, numa iniciativa inédita no Brasil, o sistema CNI e a Onudi Paris, braço da Organização das Nações Unidas para o desenvolvimento industrial na França, lançaram oficialmente, na capital francesa, a Plataforma Brasil-Europa. Trata-se de um novo canal de informações que está sendo aberto a empresas e centros de tecnologia para estimular e desenvolver novas parcerias industriais e tecnológicas entre Brasil e França.

A plataforma vai funcionar como uma espécie de facilitador dessas parcerias: vai colocar investidores brasileiros e franceses frente a frente. Reunirá nos dois países todas as informações possíveis e necessárias sobre as empresas e seus projetos. Questões burocráticas, detalhes das legislações nacionais, barreiras tarifárias e até mesmo algumas regras básicas para conquistar o consumidor estrangeiro também estarão disponíveis para indústria, universidades e centros de treinamento. E se não estiverem, a



FOTO: DIVULGAÇÃO

Cavalcante, o terceiro a partir da esquerda, durante solenidade em Paris: possibilidade de criar plataformas em outros continentes

equipe da plataforma, que vai funcionar dos dois lados do Atlântico, se encarregará de descobrir onde encontrar o que está faltando.

FACILIDADE

É tudo muito simples. Um empresário que quer encontrar um parceiro para ampliar a produção, adequar seus produtos ao mercado europeu, ou tão-somente inovar, não vai precisar sair batendo de porta em porta em busca de recursos ou novas tecnologias. Até porque, em muitos casos, nem sabe onde bater – como costuma acontecer com empresas de

pequeno e médio portes. A plataforma fará isso para ele a partir da sua base de informações.

Não importa a natureza da aproximação desejada. A partir desse serviço especializado, os empresários brasileiros e franceses poderão saber exatamente quem precisam procurar e como devem agir para abrir, expandir ou aumentar a competitividade dos seus negócios. O Instituto Euvaldo Lodi (IEL), no Brasil, e a Onudi Paris, na França, vão organizar encontros entre os interessados e acompanhá-los durante todo o processo.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Representantes do Brasil recebem potenciais parceiros franceses

“As entidades do sistema CNI já desenvolvem ações isoladas há algum tempo. A idéia agora é somar as suas *expertises*, conhecimentos e missões. O mais importante em uma ação como esta é trocar experiências e colocar as pessoas em contato. O resto elas fazem sozinhas. Queremos usar a capilaridade do sistema. Ganhar escala”, diz o superintendente nacional do IEL, Carlos Cavalcante.

Ainda não há uma estimativa do volume de negócios que a iniciativa poderá impulsionar. Mas calcula-se que cada um dos 22 projetos com os quais a plataforma começou a trabalhar varie, em média, de 500 euros a 2 milhões de euros. No próprio dia do lançamento da plataforma, o IEL anunciou uma meta de fechar os primeiros seis meses de funcionamento com pelo menos 50 projetos em carteira, ou seja, pretende mais do que dobrar o seu potencial de atuação.

Segundo o superintendente do IEL, este é apenas um projeto piloto. Dependendo dos resultados de todo esse trabalho, outras plataformas semelhantes poderão ser criadas na Europa, na Ásia e nos Estados Unidos.

ESTÍMULO

“Já fomos surpreendidos com uma oportunidade para um projeto absolutamente crítico no Rio Grande do Norte. É como dizemos no Nordeste: cobra que não anda não engole sapo. É preciso expor e ser exposto”, comemora o coordenador do Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (Fiern), Marco Antonio Cavalcante da Rocha.

Embora a plataforma tenha por objetivo apoiar projetos em todas as áreas que possam estimular novos investimentos e ganho de competitividade, quatro grandes setores foram escolhidos como prioritários:

agroalimentar/agroindustrial, biotecnologia, meio ambiente e tecnologia da informação.

“O potencial para a criação de novos projetos é enorme. Essas parcerias podem ser apenas o início de grandes investimentos, de compra e venda de produtos. O Brasil tem uma grande experiência com os setores de aeronáutica e biotecnologia, por exemplo. A França, por sua vez, também possui *expertise* em produtos congelados, preparação de agroalimentos”, afirma o diretor da Onudi Paris, Gérard Gaveau. “A intenção é, sobretudo, criar novos negócios e agregar valor aos produtos fabricados no Brasil e na França.”

Segundo o coordenador do Eurocentro do Rio de Janeiro, Luiz Claudio Leite, existem possibilidades em pelo menos três grandes setores para o Estado: meio ambiente, tecnologia da informação e turismo. Em Minas Gerais, há hoje importantes pólos de biotecnologia, eletroeletrônicos e aço inoxidável. “Não se pode esquecer do pólo de escolas técnicas”, diz a gerente do Departamento de Relações Internacionais do Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais, Angela Bhering. No Rio Grande Sul, já existe um projeto pronto. O Estado quer atrair investidores interessados no reflorestamento. Além das tecnologias européias para a plantação das árvores, o que se quer é criar pólos de produção de madeira e desenvolver as regiões mais pobres do Estado.

“O valor das terras na região é um dos melhores do mundo. Queremos capital, tecnologia de manuseio e projetos de reflorestamento”, diz o coordenador do Centro Internacional de Negócios do Rio Grande do Sul, Luciano D’Andrea.

Para o diretor-superintendente do Sesi Nacional, Rui Lima, a nova plataforma poderá ainda criar a noção da responsabilidade social nos participantes. Esta tem sido uma demanda crescente dos consumidores internacionais. “A troca de experiências pode despertar essa preocupação no empresário brasileiro. Muitas empresas estrangeiras só se interessam por novos negócios com parceiros que tenham a responsabilidade social como uma de suas linhas de trabalho. Estamos reunindo informações sobre as melhores práticas internacionais para manter na plataforma”, garante Lima.

ENCONTROS

Para discutir os novos negócios, foram espalhadas por um grande salão mesas para cada uma das 12 federações de indústrias e 18 centros de negócios brasileiros presentes. Em cada uma delas, os representantes do Brasil recebiam de meia em meia hora potenciais parceiros franceses. Na esperança de realizar logo novos negócios, três empresários do Amazonas se juntaram em uma das mesas, à espera de parceiros. Eles querem levar seus produtos até o mercado europeu.

O projeto do diretor da CQLAB – Consultoria e Controle de Qualidade, Fernando Tirolli, era buscar empresas européias interessadas em um mapeamento da produção e controle dos óleos essenciais retirados da Amazônia. “Para mim é importante, porque estamos vendendo um serviço. Para as empresas européias, é uma forma de saber o que poderiam produzir no Brasil ou até mesmo importar”, conta. Já para o sócio das companhias Pharmakos D’Amazônia e Mistérios da Amazô-

nia, Schubert Pinto, a plataforma vai criar uma possibilidade de identificar na Europa parceiros interessados em vender produtos feitos à base de plantas amazônicas. É o que quer também o diretor da Pronatus, Evandro de Araújo Silva. Depois de firmar um negócio de uma tonelada de cremes anti-rugas revitalizantes à base do “mulateiro” para a Coréia, ele quer mais. Quer recursos para ampliar sua capacidade instalada e exportar para o mercado europeu.

O lançamento da Plataforma Brasil-Europa foi realizado durante o encontro Parcerias Industriais e Tecnológicas Brasil-França, promovido em Paris pelas agências Ubifrance, Onudi Paris e o IEL. Durante uma semana, foram realizados no grande salão 150 encontros entre brasileiros e franceses.

A Ubifrance, por meio do programa AL-Invest, a partir do qual realiza missões econômicas e projetos

com empresas da América Latina, também será um dos parceiros da plataforma. A entidade tem um orçamento de 150 milhões de euros por ano, dois quais 45 milhões em recursos públicos do governo francês. A maior parte do dinheiro usado pela entidade vem da iniciativa privada. “De 20 a 25% dos nossos projetos são destinados à América Latina. E um em cada dois deles está no Brasil. Somos facilitadores de negócios. Colocamos óleo nas engrenagens”, diz a chefe do Departamento de Negócios Europeus da Ubifrance, Gisèle Hivert-Messeca.

“Todos os projetos nos interessam, de 10 euros a 10 milhões de euros. Geralmente os pequenos projetos têm uma grande capacidade de criação de empregos nas pequenas e médias indústrias”, destaca o diretor-geral adjunto da entidade, Eric Elghozi.

Por Vivian Oswald, de Paris



Empresários brasileiros e franceses participam do lançamento da plataforma, em Paris

Estágio em padarias

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Alunos do curso de Direito do Espírito Santo prestam serviços de consultoria e capacitação em padarias no Estado (foto). Uma parceria do IEL-ES com as Faculdades Integradas de Vitória (FDV) e apoio do Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria (Sindipães) leva estudantes e professores voluntários a quatro panificadoras na Grande Vitória para que, em um período de seis meses, auxiliem no aperfeiçoamento do atendimento nesses estabelecimentos, adequando-os ao Código de Defesa do Consumidor. Em um primeiro momento, será feito diagnóstico da situação atual de atendimento das padarias. Ao identificar as possíveis falhas, a empresa será capacitada por meio de treinamentos realizados internamente com os empregados. O IEL-ES será o responsável pelo gerenciamento do programa, além de promover a interação entre alunos e empresa. O projeto termina com uma pesquisa de satisfação com clientes, para verificar se foram solucionadas as possíveis falhas. Após capacitação nas padarias, o projeto será estendido a outros setores.

Metrologia

A primeira Rede Metrológica da Região Norte foi lançada no mês de maio no Pará. Coordenada pelo IEL, a Rede surgiu no Estado de convênio firmado com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

O objetivo é promover o desenvolvimento nas regiões onde atuam e a capacitação dos laboratórios associados. As redes estão presentes em 14 Estados e, em quatro – Goiás, Bahia, Minas Gerais e Pará –, são coordenadas pelos núcleos regionais do IEL.

Empreendedorismo

Dezoito incubadoras tecnológicas do Paraná contam com estagiários de cursos técnicos do SENAI. A iniciativa é uma das ações do *Programa Paranaense de Empreendedorismo e Geração de Empresas Inovadoras*, uma parceria entre a Secretaria de Ciência e

Tecnologia, o Sebrae e a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), por meio do IEL. No total, 40 estudantes do SENAI serão encaminhados às incubadoras e empresas incubadas. Serão desembolsados R\$ 120 mil em bolsas para o programa.

Setor Cerâmico

Dezenove empresas do setor cerâmico (foto), localizadas no município de Russas, no Ceará, começam a colher resultados do trabalho desenvolvido desde agosto de 2004 pelo IEL-CE, Sebrae e governo do Estado. Um dos principais avanços foi a criação da Associação de AsteRussas, que fez com que os ceramistas da região ganhassem poder de barganha na compra de material. Outra economia obtida foi com o transporte dos produtos, cujo custo é dividido entre os sócios. Algumas cerâmicas também reduziram o desperdício no processo produtivo e diminuíram o consumo de lenha. Esses resultados são consequências da capacitação e das consultorias técnicas fornecidas pelo Programa de

Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi). O balanço do Procompi no Arranjo Produtivo Local do Setor Cerâmico em Russas revela que, de agosto de 2004 até fevereiro de 2005, foram realizados 12 cursos, três *workshops* e duas palestras, além das consultorias, totalizando 1.571 horas de trabalho, que beneficiaram 694 empregados.



GESTÃO ESTRATÉGICA PARA DIRIGENTES EMPRESARIAIS

5ª EDIÇÃO

Um programa sob medida para dirigentes empresariais brasileiros



2005

O Instituto Euvaldo Lodi une-se ao Insead, uma das melhores escolas de negócios do mundo, para oferecer a empresários brasileiros as mais eficazes e modernas ferramentas de gestão.

Curso ministrado em inglês com tradução simultânea para o português.

A oportunidade de atualizar conhecimentos com renomados especialistas da área de Gestão e garantir o sucesso da sua empresa no mercado global.

Inscrições

Ficha de inscrição on-line no site:
www.iel.cni.org.br/insead
* Número de vagas limitado.

Informações

Instituto Euvaldo Lodi - IEL
Tel.: (61) 317-9432/317-9425
insead@iel.cni.org.br

www.iel.cni.org.br/insead

Fontainebleau - França
28 de agosto a 3 de setembro de 2005

INSEAD

CNI
EVALDO
LODI
IEL
Instituto Euvaldo Lodi

Apoio à internacionalização de empresas

FOTO: DIVULGAÇÃO



Um passo definitivo para internacionalizar as pequenas e médias empresas brasileiras foi dado em maio de 2005 pelo Governo com a inauguração, em Miami, do primeiro centro de distribuição de produtos brasileiros no exterior. A iniciativa é significativa para a redução da distância entre os nossos exportadores e seus clientes no exterior.

Neste e nos futuros centros de distribuição, a APEX-Brasil coloca à disposição das empresas participantes uma estrutura com local para armazenamento de mercadorias, rodadas de negócios, *showroom* e escritórios. Além disso, fornece suporte operacional e administrativo, bem como acompanhamento de um profissional brasileiro experiente na área.

Por proporcionar a armazenagem dos produtos no local onde a venda será realizada, os centros reduzem intermediários, agilizam a entrega e ajudam a garantir o cumprimento dos compromissos pós-vendas. A economia de escala obtida com a junção de várias empresas brasileiras em um mesmo espaço físico beneficiará individualmente cada empresário

participante. Essa equação resulta em clientes rapidamente atendidos e no conseqüente incremento das exportações brasileiras. Por sua relevância e inovação, os centros de distribuição fazem parte da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior do Governo e são uma prioridade para nós em 2005 e 2006.

No médio prazo, após uma permanência de 12 a 18 meses no país-base, as pequenas e médias empresas participantes poderão ter promovido e intensificado ainda mais sua cultura exportadora. Segundo o plano de negócios de cada uma, deverão ter consolidado suas marcas e aberto filiais no mercado da região atendida pelo centro.

Frankfurt, no segundo semestre de 2005, e Emirados Árabes, China, Polônia e África do Sul, ainda sem data marcada, integram a lista de pontos estratégicos para a criação de uma efetiva rede de distribuição e consolidação dos produtos e da imagem do Brasil no exterior. Também ampliaremos o nosso trabalho nos Estados Unidos, abrindo outro centro para atender à Costa Oeste.

Dessa forma, completamos a estratégia de dinamizar a economia brasileira através das oportunidades que o mercado internacional nos proporciona. Oportunidades como essa beneficiarão diretamente aqueles empresários cuja ousadia e disposição ajudam a escrever o futuro da nossa história.

Juan Quirós

Presidente da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos / Apex Brasil

Inovação – Semeando Novas Idéias e Empreendendo o Futuro é o tema do XV Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, que será realizado, de 6 a 9 de setembro, em Curitiba. O objetivo é promover discussão entre participantes e apoiadores do empreendedorismo para estimular a cultura de inovação no País. O evento é realizado pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) em parceria com o Sebrae, com o apoio da CNI e do IEL. Informações: (21) 2539-1219 ou www.parqueseincubadoras.com.br

Sustentabilidade – Até o dia 23 de setembro estão abertas as inscrições para o Prêmio da Amazônia Professor Samuel Benchimol 2005, destinado a empresários, dirigentes empresariais, professores e pesquisadores que desenvolvem projetos para o desenvolvimento sustentável da região. São três as categorias: ambiental, econômico-tecnológica e social. O prêmio é uma realização do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior em parceria com a CNI, a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas e o Sebrae. Informações e inscrições: www.amazonia.desenvolvimento.gov.br

Prêmio CNI – As inscrições para o Prêmio CNI estão abertas até o dia 10 de agosto. O prêmio é o reconhecimento da CNI às empresas que buscam melhores resultados por meio da inovação e criatividade. As categorias são Qualidade e Produtividade, *Design*, Desenvolvimento Sustentável e Parcerias para a Inovação Tecnológica. Informações: (61) 317-9473. Regulamento e ficha de inscrição do prêmio no [site www.cni.org.br](http://www.cni.org.br)